



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. De 11 a 19 de março de 2024.
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

PELAS LENTES URBANAS: PEDAGOGIA DO MORAR E O DIREITO À CIDADE

Fernanda Carla Ferreira De Araujo¹, Jacilene Nascimento de Assis², José Thomás da Silva Félix³, Keila Queiroz e Silva⁴

keila.queiroz@professor.ufcg.edu.br

Resumo: A Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), é um programa de cunho permanente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), cujo surgimento do programa teve suas raízes no ano de 2003, com a criação do PIATI. Em 2019, a nomenclatura mudou de PIATI para UATI. Ao longo dos seus quase 21 anos de existência vem desenvolvendo diversas atividades, e realizando muitas parcerias, uma das mais recentes é com o Programa de Arte e Cultura (FUNARTE). Esse projeto de extensão se configura como uma experiência interdisciplinar entre a História e a educação audiovisual, tendo como ponto de partida, as memórias e sensibilidades dos idosos estudantes da UATI com relação aos espaços públicos da cidade de Campina Grande.. A cidade como um lugar plural e de muitas lembranças e sentimentos singulares, fez parte dos nossos momentos neste projeto como objeto de estudos e reflexões (Medeiros Neta, 2016). A ação extensionista teve como objetivo trazer os olhares para a educação que envolve todos os âmbitos sociais e históricos da cidade, isso a partir de produções audiovisuais realizadas a partir de cada memória afetiva dos idosos. A metodologia utilizada para a criação de um acervo com narrativas dos idosos sobre seus lugares de memória na cidade, foi a história oral. Essa experiência de escuta das narrativas dos mais velhos com relação às suas memórias cidadinas viabilizou o cumprimento de um dos maiores objetivos do Programa que é a Educação Intergeracional. Neste sentido, a pedagogia do morar representa o aprendizado por parte das novas gerações, da importância da construção de uma relação com a sua cidade mais viva e orgânica, a partir do contato com os vídeos dos idosos sobre as memórias campinenses, por meio dos quais se confirma o sentimento de pertença dos antigos moradores a sua cidade. A produção desses vídeos sobre a história de Campina Grande, tendo como conteúdo as narrativas dos guardiões da memória, significa uma luta contra o esquecimento e contra o despertencimento dos moradores das novas gerações aos seus espaços cidadinos.

Palavras-chaves: *Pedagogia do Morar, Audiovisual, Lugar de memórias, Terceira Idade*

1. Introdução

Ao buscar compreender a história de uma localidade, nos deparamos com muitas informações que se cruzam e que fazem parte da construção das memórias locais. Desde a fundação de uma cidade, de pouco a pouco, memórias vêm sendo construídas e deixando marcas nas vivências de cada pessoa, tornando cada relato sobre determinado espaço ainda mais rico. Nos tempos de hoje vivenciamos circunstâncias agitadas, onde cedemos brevemente do nosso tempo para aproveitar os espaços que temos na nossa urbs. Vivemos com tanta pressa que pouco damos valor, aos espaços pelos quais transitamos, e essa falta de atenção acaba deixando a história local esquecida e guardada em memória de qualquer cidadão. Essa rotina que a sociedade midiaticizada vive atualmente tem afastado não somente os sujeitos de conviver nos espaços coletivos, mas de conviver também com os indivíduos em si, havendo assim uma lacuna entre as gerações. Esse abismo relacional entre as gerações tem acontecido por diversos motivos, tais como: preconceito etário, choque de relação com o tempo cronológico, sendo a tecnologia o fator determinante para que com frequência se mantenham distantes umas das outras.

Esse distanciamento tem a cada dia se tornado algo comum entre as gerações, até mesmo entre os mais próximos há essa nitidez, ou seja, até mesmo dentro de casa, os sujeitos têm-se mantido distantes. Para o público da terceira idade esse abismo afetivo com as gerações posteriores tem gerado um sentimento de isolamento e de rejeição, tendo em vista que este público sente a necessidade da afirmação do seu pertencimento e reconhecimento social. Muito diferente de tempos atrás, antes da entrada da televisão e das redes sociais no cotidiano doméstico, as gerações mais novas tinham uma maior proximidade com os mais idosos, com os quais trocavam não só ideias, mas vivências, atualmente poucos param para ouvir tais sábias palavras e ricas histórias.

Falar com o público da terceira idade é conhecer não apenas as experiências únicas de cada um, mas conhecer a narrativa da localidade onde este habitava. Neste sentido, como um ambiente diversificado nos proporciona um campo muito rico de reflexões, que desperta a curiosidade de muitos pesquisadores. De acordo com o pensamento de Medeiros Neta (2016, p.

^{1,2,3} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁴ Coordenador/a, Professora Dra. e pesquisadora com atuação nos Cursos Superiores e nos Programas de Pós Graduação da UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

106), a cidade não é apenas um campo de pluralidades, mas é um ambiente que se encontra perto e distante ao mesmo tempo, é um ambiente panorâmico, é uma simulação teórica. Para Certeau (2013), por estarmos inseridos na cidade, acabamos nos confundindo com ela, ao mesmo tempo que dialogamos. Isso nos remete a narrativa de cada um/uma, apesar de ser uma experiência singular, cada narrativa sobre a cidade apresenta uma perspectiva arquitetônica, histórica e cultural da fisionomia urbana de Campina Grande no passado, bem como a percepção de suas mudanças no presente. Isso mostra que a memória individual e a memória coletiva caminham juntas.

Partilhar os nossos momentos é mostrar o quão rica é a troca de emoções e o quanto a terceira idade tem a nos ensinar com as suas experiências, nos permitindo conhecer um passado histórico e culturalmente rico, não presente nos livros sobre a história de Campina Grande.

Cada cidade demarca em seu espaço diversos símbolos e relatos que segundo Medeiros Neta (2016, p. 106), são uma prática do local, ao qual fazem parte da construção de nossas ações de narrativas tecidas entre a relação do espaço e dos lugares. Sendo assim, possuímos uma conexão muito estreita com a identidade de cada ambiente. Sobre essas particularidades da questão cidadã, podemos ver na obra “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, onde ele retrata que cada cidade tem características únicas. Abrindo conexão com a Pedagogia do Morar, ou como Medeiros Neta (2016, p. 107), compreende por Pedagogia da Cidade, diz que antes de pensarmos a nossa relação com a cidade, devemos compreender como “[...] uma mediação entre as mediações” que “[...] sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes [...], com sua história [...]; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.” (Lefebvre, 2001, p. 46-47 apud Medeiros Neta, 2016, p. 107).

Mediante tais discussões, a motivação deste projeto surgiu dessa vontade de querer que estas memórias esquecidas no passado, passassem a ser conhecidas pelas futuras gerações, para que essas possam conhecer e valorizar ainda mais a história local de onde vivem. Assim como também proporcionar uma conscientização sobre a importância de valorizar e ocupar os espaços públicos citadinos que vivem esquecidos pela população, os quais ao invés de estarem sendo ocupados para o lazer, vem sendo utilizados muitas vezes como pontos de uso de drogas ilícitas e como morada por pessoas desabrigadas, como observamos em algumas praças na cidade de Campina Grande. Outro fator que afasta os cidadãos, destes devidos espaços é a falta de cuidado por parte dos gestores locais.

Esses espaços públicos urbanos não se restringem apenas a função de lazer e sociabilidade, mas oportunizam a tessitura da construção de memórias patrimoniais, que são afetos e trocas de ensinamentos entre os moradores locais. Valorizar cada lugar onde se reside é manter viva a história local, é eternizar os bons momentos e tornar passado, presente e futuro conectados.

Por este motivo, este projeto teve o interesse em trabalhar esta questão das memórias locais de cada aluno/aluna da UATI, tendo em vista que a Universidade Aberta à Terceira Idade tem sido um ambiente, onde a pessoa idosa não tem apenas adquirido novos conhecimentos, mas compreendido que ainda é um sujeito de vez e voz na sociedade. Assim como também busca promover além da valorização do idoso como sujeito de ação social, o encontro e o compartilhamento de ideias e experiências entre as gerações, havendo assim um encontro intergeracional.

As atividades do projeto se deram nas dependências da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como também as gravações de cada depoimento se deu dentro da própria universidade. O projeto foi uma iniciativa da Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva, coordenadora da UATI em parceria com a FUNARTE, que além de parceira foi o órgão responsável por financiar este projeto.

2. Ilustrações

A UATI tem como foco abrir o espaço universitário para o público da terceira idade para poderem vivenciar, não apenas o ambiente acadêmico de forma comum como os demais estudantes, mas compreender que eles também são agentes atuantes e que tem participação ativa na sociedade. Conforme pensa Luis Jacob (2015, p. 83 apud Thomazini, 2021, p. 1), “Hoje a educação não é apenas fundamental na sua fase inicial (escolarização básica e secundária), mas deve acompanhar o indivíduo ao longo da sua vida.”, tendo em vista que a educação para a terceira idade é um direito assegurado pelo Estatuto do Idoso. Assim como também, mostrar que é um local, no qual a aprendizagem se dá de forma contínua. Vale ressaltar, que a Universidade Aberta à Terceira Idade tem diversas memórias que precisam ser contadas, ou seja, as narrativas de suas lembranças das quais na atualidade pouco se ouve, por estarmos em um presente onde vivenciamos uma agitação do agora e não paramos para ouvir aqueles/aquelas que têm mais experiência de vida.

A partir deste projeto, podemos compreender que a terceira idade hoje é marcada por uma geração que tem vivido uma vida cada vez mais ativa, e de acordo com Thomazini (2021), “o fenômeno do envelhecimento ativo permeia o campo da educação, visto que, na atualidade há idosos com disposição para a aprendizagem tardia, que os motivam a cursar o ensino superior com muito mais frequência que seus antepassados.” Essa longevidade tem tido como fator primordial, melhorias na qualidade de vida das pessoas e a preocupação com a saúde. E também porque “nota-se uma nova face da velhice, onde há idosos com qualidade de vida, ativos e independentes, que buscam seus sonhos mesmo em idade avançada, ou muitas vezes por questões financeiras, ainda se mantém profissionalmente ativos e em busca de qualificação e atualização, o que motiva o interesse em cursar o ensino superior mesmo que na velhice.” (Thomazini, 2021, p. 1). Por este motivo que a UATI,

tem-se preocupado em trazer este público para ocupar a universidade e serem atores de suas próprias histórias.

É nessa perspectiva, que o projeto **Pelas Lentes Urbanas: Pedagogia do Morar e o Direito à Cidade**, vem dar o devido destaque às vozes presentes na melhor idade e suas vivências desde a infância até a terceira idade, em uma fase da vida mais madura com diversos ensinamentos, enfatizando o protagonismo no contexto social e digital onde se encontram os relatos das experiências vividas na cidade de Campina Grande – PB, deste modo, o registro dessas narrativas foi viabilizado pela produção em formato audiovisual.



Figura 1 – Logo do instagram do projeto Pelas lentes Urbanas: Pedagogia do Morar e o Direito à Cidade. Acervo da UATI

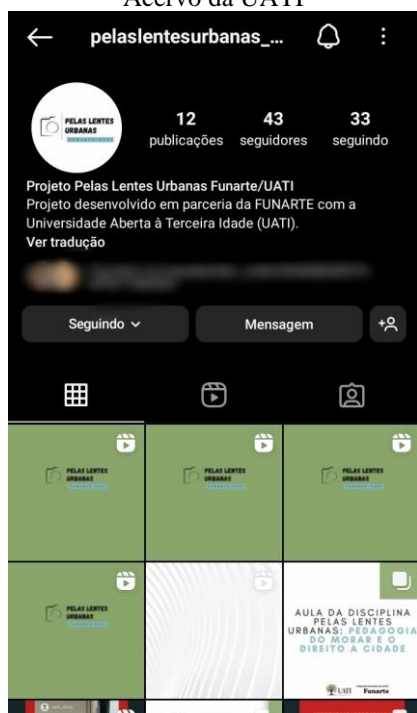


Figura 2 – Página do projeto no Instagram. Acervo da UATI



Figura 3 – Aula da disciplina Pelas lentes Urbanas: Pedagogia do morar e o direito à cidade. Acervo da UATI



Figura 4 – Aula da disciplina Pelas lentes Urbanas: Pedagogia do morar e o direito à cidade. Acervo da UATI



Figura 5 – Palestra com os idosos no Parque de Bodocongó. Acervo da UATI



Figura 6 – Visitação ao parque Ecológico de Bodocongó em momento de palestra com o Prof. Dr. Jogerson Engenheiro Ambiental (UFCG). Acervo da UATI



Figura 7 – Visitação ao parque Ecológico de Bodocongó em momento de palestra com o Prof. Paulinho (UATI). Acervo da UATI



Figura 8 – Visitação ao parque Ecológico de Bodocongó iniciação do plantio de mudas com os professores e estagiários



Figura 9 – Momento de plantação de mudas pelos idosos no Parque de Bodocongó. Acervo UATI



Figura 10 – Registro do momento entre os estagiários, estudantes da UATI e responsáveis pelo Parque. Acervo UATI



Figura 11 – Sessão cinema. Acervo UATI



Figura 12 - Momento de exibição do filme “Tomates Verdes Fritos”. Acervo da UATI



Figura 13 – Card com os registros da Aula de Pedagogia do Morar. Acervo UATI



Figura 14 – Registro da Aula do Projeto Pedagogia do Morar. Acervo da UATI



Figura 15 - Registro da primeira aula da disciplina Pedagogia do Morar. Acervo da UATI

Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI

Apoio:



Figura 16 – Produção em audiovisual para o projeto Pelas Lentes Urbanas: Pedagogia do Morar e o Direito à Cidade. Acervo da UATI

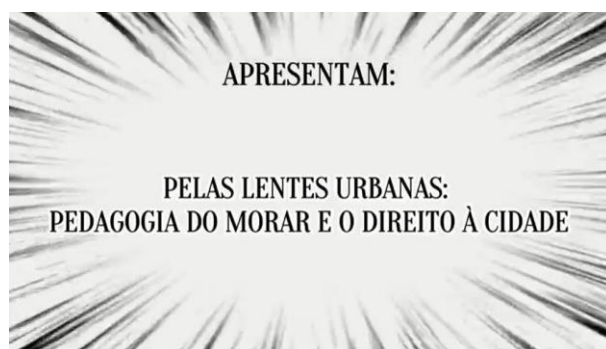


Figura 17 – Produção em audiovisual para o projeto Pelas Lentes Urbanas: Pedagogia do Morar e o Direito à Cidade. Acervo UATI

3. Resultados e Discussões

O presente projeto “Pelas lentes urbanas: Pedagogia do morar e o direito à cidade” teve como objetivo central aprimorar o conhecimento dos idosos sobre a nossa localidade, na perspectiva de INNERARITY (2010) e CANCLINI (2010), conforme as cidades foram se modernizando, o passado foi cada vez mais ficando esquecido no tempo, ou seja, os espaços das cidades estão cada vez mais virando lugares vazios e sem significado, fazendo com que a história se perca de forma lenta e gradual. Entretanto, visando o registro das histórias locais, principalmente da cidade de Campina Grande (PB), para este desenvolvimento contamos com o auxílio da coordenadora Dr.^a Keila Queiroz e Silva, dos estagiários e extensionistas. O projeto teve início no período 2023.1 em salas de aula juntamente com a disciplina ofertada todas as segundas-feiras com lecionamento teórico e práticas de escuta da turma, após as aulas teóricas tivemos aulas de campo, ou seja, fomos caminhar por Campina Grande-PB, para visitar os principais pontos de memória afetiva com os idosos.

Durante o desenvolvimento do projeto, foi incentivada para a melhor idade, identificando os pontos de seus respectivos bairros que remetem ao tempo de qualidade com a sua identidade cultural, para assim preservar as boas lembranças. Além de irmos para a prática, também buscamos como fonte de inspiração para a composição da metodologia do projeto nos basear nas

ideias de (SILVA:2010) e (SILVA: 2022), com a pedagogia do morar, Também tomamos como base o aporte teórico de Zygmunt Bauman, que discute sobre diversos assuntos, sendo um deles a vida urbana na sociedade contemporânea.

Um dos principais resultados qualitativos do projeto foi a percepção, por parte dos idosos participantes, da importância da convivência social em um espaço saudável e inclusivo. Isso podemos ver nas palavras de Silva (2023), “por meio do relato e dos registros realizados pelos idosos, e a divulgação de suas experiências com a cidade, ou seja, suas vivências com a cidade de Campina Grande (PB), o estímulo à escuta dessas narrativas, para assim gerar uma conexão com outras gerações e até entre pessoas da mesma geração, para que dessa forma pudessem contribuir de alguma maneira com a recuperação dos laços comunitários dos moradores da cidade, isso por meio das trocas de experiências e diversas representações envolvendo os locais em que vivem”, Eles puderam experimentar uma melhora na qualidade de vida ao se sentirem integrados e valorizados em suas comunidades.

A discussão gerada a partir desses resultados envolveu a relevância do ensino/aprendizagem tendo em vista a autonomia de cada um/uma, buscando alavancar o reconhecimento do lugar onde se vive ou já viveu. Tendo em vista que, a partir das ideias de Pires (2010), experimentamos viver e experimentar uma nova releitura dos espaços que vivemos.

Ou seja, o projeto demonstrou que é fundamental que os idosos se sintam parte ativa da comunidade em que vivem, tendo voz ativa nas decisões que afetam suas vidas e sendo respeitados em suas necessidades específicas. E que vejam a partir de suas memórias afetivas, uma forma de serem protagonistas, e de acordo com SILVA(2023) “Os idosos serão também educadores patrimoniais, ao narrarem as suas histórias com os diversos espaços públicos da cidade por meio de vídeos, tirando os moradores das novas gerações do estado de esquecimento de sua história local e contribuindo para a ruptura da patologia da despartença à cidade” (INNERARITY: 2010).

Em princípio, para o processo de coleta dos materiais em audiovisual, realizamos gravações com os idosos contando suas histórias de locais que remetessem às suas lembranças. Após isso, separamos cuidadosamente os devidos utensílios no drive do projeto para que assim facilitasse a edição. O procedimento de edição foi realizado seguindo os vídeos e fotos, que foram coletados pelos discentes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), deste modo auxiliando na construção do documentário. Tendo como ponto de referência na área do audiovisual (Souza, 2003), ao qual cita que “ser visto no vídeo "seduz porque no centro da consciência de sermos sujeitos efêmeros existe o desejo de permanência da nossa própria imagem, da nossa presença no mundo, experiência que agora é recriada pela técnica" (p. 86).

Dessa forma, o projeto “Pelos lentes urbanas” contribuiu para a reflexão sobre a importância de políticas públicas que promovam a inclusão e o bem-estar dos idosos, garantindo-lhes o direito à cidade e a uma

vida digna em suas comunidades. E conforme ressalta Harvey (2004), “o direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade”.

4. Conclusões

O projeto pelas lentes urbanas: Pedagogia do morar e o direito à cidade, tem como intuito envolver a garantia de que os idosos tenham o devido acesso aos espaços públicos inclusivos, com uma infraestrutura adequada e serviços que atendam às suas necessidades. Entretanto, é importante promover as políticas que incentivem a permanência da melhor idade em seus bairros e comunidades, assim, preservando suas redes de apoio e identidade cultural. Neste sentido, a disciplina pedagogia do morar e o direito à cidade aplica-se o processo no ensino/aprendizagem que envolve a autonomia, compreensão e a valorização do espaço habitacional, ou seja, a importância do convívio social em um ambiente saudável e inclusivo.

Nesta conjuntura, por meio de produção em audiovisual, relata as vivências de cada um/uma mediante narrativas de suas memórias afetivas com determinado local de Campina Grande–PB, por meio das quais enfatiza o valor das localidades urbanas em suas comunidades, assim transportando o indivíduo à nostalgia. Neste sentido, vale salientar que o referido projeto contribuiu para a melhoria da qualidade de vida dos idosos , tirando- os de um lugar de invisibilidade e indizibilidade, oportunizando a vivência de um protagonismo social profícuo, colocando os idosos da UATI na condução de pedagogos urbanos, por meio de contações de suas histórias com a cidade de Campina Grande. Esse material audiovisual produzido com e pelos idosos é uma ferramenta pedagógica de grande valia para o estudo da história local e para uma Educação Patrimonial nas escolas e nas redes sociais.

5. Referências

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2008. 349 p. HARVEY, D. O Direito à Cidade. *Revista Piauí*. São Paulo, julho, 2014.

Medeiros Neta, O. M. POR UMA PEDAGOGIA DA CIDADE: ESPAÇOS, PRÁTICAS E SENSIBILIDADES. UFRN. 2016. HOLOS, Ano 32, Vol. 5. Págs. 105-115. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23167/1/PorUmaPedagogia_2016.pdf. Acesso em: 15 de fev. 2024

PIRES, Eloísa Gurgel. A experiência educacional nos espaços educativos: possíveis intercessões entre educação e comunicação. In *Revista Educação e Pesquisa*. Educ. Pesqui. 36 (1) • Abr 2010 • <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000100006> .

SILVA, Keila Queiroz e. Educação Histórica no Curso de Pedagogia: das memórias de estranhamento ao encontro com o lugar. In: MAIOR, Paulo Souto (et al) orgs. Saberes históricos, patrimônio e espaços de memória: Experimentos e reflexões sobre práticas no ensino de História. Vol.2. Editora CCTA: João Pessoa, 2022. Págs. 221-250. Disponível em: https://ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/historia/saberes-historicos-patrimonio-e-espacos-de-memoria/v-2_saberes-historicos-patrimonio-e-espacos-de-memoria.pdf. Acesso em: 17 fev. 2024

SOUZA, S. J. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; • Thomazini, Maria Clara. O DIREITO A EDUCAÇÃO PARA IDOSOS NO BRASIL: O ENVELHECIMENTO ATIVO E A BUSCA PELO ENSINO SUPERIOR. XII EPCC (Encontro Internacional de Produção Científica da Unicesumar). Unicesumar. 2021. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/anais-epcc-2021/wp-content/uploads/sites/236/2021/11/629.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024

Agradecimentos

À Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), à Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) por financiar o projeto para assim alcançarmos excelentes resultados. A UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.

Aos professores voluntários do Programa, aos estudantes bolsistas e voluntários da UFCG.

A todos (as) os idosos (as) que participaram desta jornada conosco, assim, alimentando cada vez mais as experiências nas atividades ofertadas no programa do projeto de extensão permanente na Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI).